

CARACTERIZAÇÃO SIMBÓLICA ATRAVÉS DE SÍMILES ANIMAIS NA *ILÍADA*

Marco Valério Classe Colonnelli*
(Universidade Federal da Paraíba)

RESUMO: O intuito deste artigo é demonstrar, a partir de alguns símiles, como Homero produz uma caracterização concisa de seus heróis. A perspectiva de abordagem neste estudo é comprovar a eficácia do uso dos símiles pelo poeta em consonância com a obra de Aristóteles, *Investigação dos Animais*, que nos permite aferir certo valor simbólico de determinados animais ainda no séc. IV a.C. Partindo de comparações com animais, o poeta produz símiles que formam um quadro imediato e eficaz do herói, projetado pela força simbólica e analógica que o animal evoca como termo comparativo na cultura grega arcaica e clássica.

PALAVRAS-CHAVES: Caracterização, *Ilíada*, Homero, símiles, épica, Aristóteles.

SYMBOLIC CHARACTERIZATION THROUGH SIMILES ANIMALS IN THE *ILIAD*

ABSTRACT: The purpose of this article is to demonstrate, from some similes, how Homer produces a concise characterization of his heroes. The prospect of approach in this study is to prove the efficacy of the use of similes by the poet in accord with the work of Aristotle, *Research of the Animals*, which allows us to assess certain symbolic value of certain animals even in the 4th century BC. Starting from the comparison with animals, the poet produces similes that form an immediate and effective framework of the hero, projected by the symbolic and analogue force that the animal evokes as a comparative term in the archaic and classical Greek culture.

KEYWORDS: Characterization, *Iliad*, Homero, Facsimiles, Epic, Aristotle.

1. Sobre o símile homérico.

Desde o lançamento do livro de Milman Parry “*The Making of Homeric Verse*” que revelou novas facetas para o estudo de Homero, o símile passou a ser estudado por uma infinidade de autores. Fórmulas, funções, oralidade, sequências de imagens, dentre outras características foram tão sistematicamente investigadas nos símiles que um resumo sobre essas principais teorias produziria um material muito denso.¹

* E-mail: mcolonnelli@hotmail.com

¹ Desde os estudos de Milman Parry duas principais linhas de estudos têm debatido calorosamente a possibilidade de uma caracterização de personagens, a despeito das fórmulas e repositórios de palavras usados nos dois poemas épicos de Homero. Adam Parry, filho de Milman, em seu artigo “*Language and*

O símile, grosso modo, é uma comparação entre coisas. Coffey que analisou os símiles na épica homérica, encontra dois grupos: um que é

composto de uma palavra introdutória tal como ὄς, seguida por um nome que é frequentemente qualificado por um adjetivo ou um particípio. [...] e casos nos quais uma ou mais orações relativas contendo uma forma infinitiva ou verbos flexionados estão ligadas a uma oração anterior de comparação” (Coffey, 1957: 60); e outro, “o símile longo que consiste em uma sentença separada introduzida por ὄς ὅτε ou palavras similares.”²

Aqui as duas formas de símiles nos interessam, já que a primeira trata de uma economia em termos de caracterização e a segunda, um desenvolvimento da situação da personagem em conflitos éticos e psicológicos.

Um pouco mais tarde, Moulton passa a estudar os símiles a partir de suas sequências, ultrapassando o esquema fechado dos símiles e de suas correspondências sintáticas, para ampliá-los até uma análise semântica, demonstrando unidades de sentido maiores na sequência do enredo. Duas também são as formas encontradas por ele: símiles pares e ainda símiles sucessivos, ou seja, respectivamente, um símile direto, simples, menor e outro longo, com unidades maiores e liames semânticos.

Coffey ainda apresenta algumas funções que o símile homérico desempenha, tais como: movimentação, descrição, notação temporal, enumeração, caracterização, dentre outras funções. Especificamente no tocante à caracterização, diversos símiles apresentam como termo comparativo animais. Clarke, por exemplo, em seu artigo “Entre Homens e Leões: Imagens do herói na *Ilíada*”, pontua, em contraste com teóricos que só veem o símile como uma ornamentação formulaica, que “o simbolismo envolvendo animais selvagens e agressivos é muito maior que uma questão de estilo, e que eles desempenham grande papel no retrato de Homero dos problemas éticos e psicológicos do heroísmo” (Clarke, 2006, p. 2).

É desse ponto de vista então que partimos em nossa investigação, ou seja, examinar, em suas duas formas, o potencial que os símiles animais possuem na *Ilíada* como técnica de caracterização³. É necessário também antes determinar, para que o quadro de comparação seja efetivo, o valor simbólico que cada animal pode atribuir ao seu comparante dentro da estrutura do símile e só assim procedermos com a análise de caracterização.

2. A simbologia dos animais como elemento caracterizador.

Estudar a caracterização de uma personagem sem seu *caráter* (ἦθος) manifesto pode parecer uma empresa arriscada. Entretanto, é possível determinar este *caráter* através de analogias que deixam entrever certos estados éticos e psicológicos das personagens. É dessa forma que entendemos com Clark que:

Characterization in Homer” já havia contestado boa parte dos epítetos formulaicos para demonstrar certa habilidade do poeta épico em sua construção de caracterização. No tocante aos símiles, M. Coffey, em “*The function of the Homeric Simile*”, demonstra como os símiles desempenham diversas funções, dentre elas a de caracterização, e ainda mais, Carroll Moulton, em “*Similes in the Iliad*” e “*Simile Sequences*”, aponta como os símiles produzem caracterização e influenciam em toda narrativa posterior para além de uma fórmula meramente ornamental, respectivamente. Importante contribuição também é o artigo de Michel Clark “*Entre Homens e Leões: Imagens do herói na Ilíada*” que aponta comportamentos éticos e psicológicos nos símiles animais.

² Todas as traduções são de responsabilidade do autor. Texto grego extraído das edições de Paul Mazon e Balme.

³ Cf. Adam Parry, 1972, p. 1-22.

Os símiles animais são um excelente candidato para gerar tal tipo de sistema: eles são tantos, e tão variados nas conexões que forjam, que seu efeito combinado pode não apenas ampliar a narrativa, mas, de fato, assimilar aspectos da aparência das personagens e da personalidade do guerreiro ao animal. (Clark, 2006, p. 4).⁴

Um dado relevante neste universo épico é que “os animais de Homero têm igualmente o mesmo aparato emocional e cognitivo que os homens” (Clark, 2006: 11). Na *Iliáda*, porém, jamais encontraremos algum tipo de *éthos* (ἦθος) aplicado ao animal, mas somente o contrário disso, o animal conferindo *éthos* ao homem. Em Homero os animais estão encobertos por uma carga simbólica que os determina em certos aspectos com traços bem definidos. Mas como é possível atribuir um *éthos* ao animal? Como ver tacitamente no animal um *éthos* humano? Para entendermos melhor essa relação, é preciso recorrermos a Aristóteles.

Em seu tratado *Investigação dos Animais*, o filósofo faz uma afirmação que parece se coadunar com o mundo homérico:

Há, pois, também em muitos desses outros animais traços de características psíquicas, que nos homens possuem diferenças mais claras. Assim, mansidão e ferocidade, doçura e violência, coragem e covardia, temor e ousadia, vontade e astúcia estão em muitos animais semelhantes aos homens também até em inteligência, .

Ἔνεστι γὰρ ἐν τοῖς πλείστοις καὶ τῶν ἄλλων ζῴων ἴχνη τῶν περὶ τὴν ψυχὴν τρόπων, ἅπερ ἐπὶ τῶν ἀνθρώπων ἔχει φανερωτέρας τὰς διαφοράς· καὶ γὰρ ἡμερότης καὶ ἀγριότης, καὶ πραότης καὶ χαλεπότης, καὶ ἀνδρία καὶ δειλία, καὶ φόβοι καὶ θάρρη, καὶ θυμοὶ καὶ πανουργίαι καὶ τῆς περὶ τὴν διάνοιαν συνέσεως ἔνεισιν ἐν πολλοῖς αὐτῶν ὁμοιότητες, [...]. (Arist. *Investigações sobre os animais*, 588, a, 19-25).

Aristóteles reconhece duas características psíquicas diferentes entre os animais e os homens. A primeira é de grau, ou seja, entre os homens uns terão mais, outros menos dessas características e a mesma relação entre homens e animais. A segunda é por analogia, ou seja, por certa semelhança entre as características psíquicas dos homens comparadas a certas manifestações nos animais.⁵ Partindo dessa premissa analógica, Aristóteles neste tratado delinea o caráter de alguns animais com base em sentimentos humanos. A analogia que faz a ponte entre essas constituições psíquicas se vale também do simbolismo que cada animal possuía já entre os gregos. Este simbolismo não tem um viés religioso, ainda que seja necessário reconhecer essa dimensão simbólica na cultura grega⁶, mas meramente empírico.

É nesse sentido que vamos encontrar em Aristóteles a aplicação do *éthos* humano, por analogia, aos animais. Werther também assinala que:

Aristóteles define o ἦθος como uma capacidade ou potência primeira e natural, possuída por todos os animais, em virtude da qual eles são não somente capazes

⁴ Moulton discorda de que isso seja possível.

⁵ Diferença segundo a analogia consiste em estabelecer que a capacidade natural de um dado animal se encontra sob uma forma diferente, mas com a mesma função ou uma função análoga em um outro animal. Assim, a arte, a sabedoria ou a inteligência do homem existem em outros animais, mas sob a forma de uma capacidade que não faz intervir o elemento racional, que pertence propriamente ao homem. (Werther, 2007: 138).

⁶ Não se nega o valor das relações religiosas entre homens e animais, mas deve-se também ressaltar as relações sociais e políticas que esta associação releva. (Bodson, 1994: 55).

de ser afetados por paixões, como também suscetíveis de desenvolver, graças às ações repetidas, disposições habituais da alma. (Woerther, 2007, p. 138).

A observação do filósofo sobre o *éthos* animal também é extraída da própria obra de Homero de quem ele muitas vezes cita passagens para justificar seus escritos biológicos, o que nos leva a crer que as observações homéricas e aristotélicas formam um todo empírico de observações a respeito da natureza em geral. Desse saber empírico, o valor do *éthos* animal passa a figurar como um símbolo que o animal possui em si. Vejamos agora como certos valores simbólicos dos animais confluem para uma caracterização tácita em algumas passagens da *Ilíada*.

3. Símiles animais como elementos caracterizadores.

Muitos símiles animais podem ser encontrados na *Ilíada*. O leão é de longe o animal mais citado como imagem para os heróis; entretanto, outros animais como o cervo ou a cabra que são presas, também abundam nas comparações. Alguns animais são empregados especificamente em algumas passagens, de modo não muito usual. Em uma passagem do canto VIII da *Ilíada*, Aquiles é comparado a um golfinho não só pelo *locus* de sua caça, mas também por algumas reconhecidas qualidades deste animal. Vejamos o símile:

Em seguida, o divino Aquiles deixou sua lança na ribeira,
Inclinada nos arbustos, e mergulhou semelhante a um deus,
Portando apenas uma espada, e na mente meditava maus atos,
E golpeou dando giros; dos feridos pela arma uma gritaria elevou-se
Indecorosa, enquanto tingia a água de vermelho.
Tal como quando outros peixes, dos golfinhos de grande ventre
Fugindo, enchem os recantos de uma baía fundeada
Aterrados; pois tudo aquilo que consegue apanhar, devora;
Assim os Troianos para as correntes do terrível rio
Fugiam pelas íngremes ribanceiras; Aquiles, quando cansou
Suas mãos de matar, recolheu do rio doze jovens, vivos:
Paga pela morte de Pátroclo, filho de Menécio.

Αὐτὰρ ὁ διογενὴς δόρυ μὲν λίπεν αὐτοῦ ἐπ' ὄχθη
κεκλιμένον μυρικήσιν, ὃ δ' ἔσθορε δαίμονι ἴσος
φάσγανον οἶον ἔχων, κακὰ δὲ φρεσὶ μῆδετο ἔργα,
τύπτε δ' ἐπιστροφάδην· τῶν δὲ στόνος ὄρνυτ' ἀεικῆς
ἄορι θεινομένων, ἐρυθαίνετο δ' αἵματι ὕδωρ.
ὥς δ' ὑπὸ δελφῖνος μεγακίτεος ἰχθύες ἄλλοι
φεύγοντες πιμπλάσι μυχοῦς λιμένος εὐόρμου
δειδιότες· μάλα γάρ τε κατεσθίει ὄν κε λάβησιν·
ὡς Τρῶες ποταμοῖο κατὰ δεινοῖο ῥέεθρα
πτῶσσον ὑπὸ κρημνοῦς. ὃ δ' ἐπεὶ κάμε χεῖρας ἐναίρων,
ζωοῦς ἐκ ποταμοῖο δώδεκα λέξατο κούρους
ποινὴν Πατρόκλοιο Μενoitιάδαο θανόντος·
(Il., VIII, 17-28.)

Em suas investigações Aristóteles nos fornece certos traços do animal que configuram seu *éthos*. Assim, em 631a, ele afirma que “dentre os animais marítimos, muitos sinais de doçura e inteligência são anunciados a respeito dos golfinhos, assim como também em relação aos filhos são amorosos e apaixonados” (Τῶν δὲ θαλαττίων πλεῖστα λέγεται σημεῖα περὶ τοὺς δελφῖνας πραότητος καὶ ἡμερότητας, καὶ δὴ καὶ πρὸς παῖδας ἔρωτες καὶ ἐπιθυμῖαι – Arist. 631a 8-11.). Não obstante esta característica dócil do animal, a sua destreza na caça também é exaltada. Em outra passagem ele acrescenta:

Fala-se também coisas incríveis a respeito da rapidez do animal. Parece, pois, que dentre todos os animais, tanto da água quanto da terra, é o mais rápido, e também saltam por cima dos mastros dos grandes navios. Isso lhes acontece sobretudo quando perseguem algum peixe graças a sua necessidade alimentar. Neste momento, pois, se o peixe fugir, perseguem-no até o fundo do mar por causa de sua fome, [...]. E girando sobre si mesmos lançam-se como uma flecha, desejando percorrer com velocidade uma grande extensão para respirar.

Λέγεται δὲ καὶ περὶ ταχυτήτος ἄπιστα τοῦ ζῴου· ἀπάντων γὰρ δοκεῖ εἶναι ζῴων τάχιστον, καὶ τῶν ἐνύδρων καὶ τῶν χειρσαίων, καὶ ὑπεράλλονται δὲ πλοίων μεγάλων ἰστούς. Μάλιστα δὲ τοῦτ' αὐτοῖς συμβαίνει, ὅταν διώκωσιν τινα ἰχθὺν τροφῆς χάριν· τότε γὰρ, ἐὰν ἀποφεύγη, συνακολουθοῦσιν εἰς βυθὸν διὰ τὸ πεινῆν, [...]. καὶ συστρέψαντες ἑαυτοὺς φέρονται ὥσπερ τόξευμα, τῇ ταχυτῆτι τὸ μήκος διελθεῖν βουλόμενοι πρὸς τὴν ἀναπνοήν. (Arist. 631a 20-27).

A característica do golfinho em sua caça parece iluminar o curto símile em que Aquiles toma as presas de guerra. A rapidez do ataque do animal, o mais rápido dentre todos, alude a própria destreza do herói que também é rápido em seu ataque e efetivo em sua conquista. O ataque é motivado pela voracidade da fome do animal e o modo como ele caça também está representado através dos giros que facilmente o animal executa. Aquiles golpeia girando, tal como o golfinho. Se o amor filial é a característica do animal, não se pode negar que o ímpeto que move o herói é a vingança pela morte de Pátroclo, demonstrando a amizade que os unia. A comparação com o golfinho é salutar em diversos aspectos, mas sobretudo pela inteligência e pela destreza que o animal evoca na passagem.

Outro animal, não menos mencionado em símiles do que o leão, é o cão de caça. Apesar de ser um animal domesticado sua ferocidade na caça é muito representada em símiles. Aristóteles nos informa a respeito deles que:

A raça dos cães de caça, em Molosso, não diferem em nada das raças de outras localidades, mas a raça que pastoreia junto aos rebanhos difere em porte e em coragem contra animais selvagens. E diferem em coragem e dedicação também, a raça dos cães gerados do cruzamento entre os de Molosso e da Lacônia.

Τὸ δ' ἐν τῇ Μολοττία γένος τῶν κυνῶν τὸ μὲν θηρευτικὸν οὐδὲν διαφέρει πρὸς τὸ παρὰ τοῖς ἄλλοις, τὸ δ' ἀκόλουθον τοῖς προβάτοις τῷ μεγέθει καὶ τῇ ἀνδρείᾳ τῇ πρὸς τὰ θηρία. Διαφέρουσι δ' οἱ ἐξ ἄμφοιν ἀνδρεία καὶ φιλοπονία, οἳ τε ἐκ τῶν ἐν τῇ Μολοττία γινομένων κυνῶν καὶ ἐκ τῶν Λακωνικῶν. (Arist. HA 608 a 27-33).

Dois características são apontadas no animal: a coragem contra animais selvagens e a sua dedicação na caça. É com esse *ethos* que Heitor é pintado no canto VIII da *Íliada* no momento em que Zeus o favorece na batalha contra os Aqueus:

De novo, nos Troianos o Olímpio excitou a coragem;
E eles impeliram os Aqueus direto à profunda trincheira;
Heitor entre os primeiros movia-se, fero em sua força.
Como quando um dos cães de javalis selvagens ou de leões
Toca sucessivamente, perseguindo-os com patas céleres,
As coxas ou nádegas, e tem olhos fixos em quem se vira,
Assim Heitor perseguia os Aqueus de longos cabelos,
Matando sempre o mais recuado, enquanto os outros fugiam.

Ἄψ δ' αὐτίς Τρώεσσιν Ὀλύμπιος ἐν μένος ὄρσεν·
οἷ δ' ἰθὺς τάφροιο βαθείης ὄσαν Ἀχαιοῦς·
Ἔκτωρ δ' ἐν πρώτοισι κίε σθένει βλεμειάινων.
ὡς δ' ὅτε τίς τε κύων συὸς ἀγρίου ἢ ἐλέοντος
ἄπτηται κατόπισθε ποσὶν ταχέεσσι διώκων
ἰσχία τε γλουτούς τε, ἐλίσσόμενόν τε δοκεύει,
ὡς Ἔκτωρ ὄπαζε κάρη κομόωντας Ἀχαιοῦς
αἰὲν ἀποκτείνων τὸν ὀπίστατον· οἷ δὲ φέβοντο.
(Il., VIII, 335-343.)

Na passagem acima, a coragem, também encontrada no *ethos* animal, é insuflada por Zeus nos Troianos. O símile parece de fato retomar a qualidade deste animal em colocar em debandada animais ferozes. Entretanto, a diligência e a dedicação do animal não fica para trás na representação, já que o cão tem os olhos fixos nos animais que lhe são superiores em porte físico, não descuidando daqueles que viram. O símile indica sobretudo o cuidado, presente no *éthos* do animal, na dispersão das feras, reproduzindo a imagem de heróis mais fracos que, inspirados pelos deuses, põem em debandada heróis mais robustos. Nesse sentido, apesar da coragem, é necessária muita cautela na perseguição para que não se invertam as posições entre caça e caçador.

Retomando a relação entre os animais acima, também é possível perceber que o *caráter* dessas feras, não como habitualmente são representadas, ou seja, como animais ferozes e corajosos, mas como animais que algumas vezes são covardes. Neste caso, o leão, tão usado em símiles de batalha para denotar violência, ferocidade, também possui índice de covardia. Aristóteles, nas *Investigações sobre os Animais*, observa que:

Há duas raças de Leões: há uma que é mais roliça, juba encaracolada e covarde; outra, mais larga, de juba eriçada e mais corajosa. Fogem, algumas vezes, entretanto com o rabo entre as pernas como os cães. Já se viu também um leão que estava a ponto de se lançar sobre um javali, e como percebeu que esse se ouriçava, fugiu. É débil contra golpes em sua barriga, mas suporta muitos golpes em outra parte do corpo e tem um cabeça forte.

Γένη δ' ἐστὶ λεόντων δύο· τούτων δ' ἐστὶ τὸ μὲν στρογγυλώτερον καὶ οὐλοτριχώτερον δειλότερον, τὸ δὲ μακρότερον καὶ εὐθύτριχον ἀνδρείοτερον. Φεύγουσι δ' ἐνίοτε κατατείναντες τὴν κέρκον ὡσπερ κύνες. Ἦδη δ' ὄπται λέων καὶ ὑἱ ἐπιτίθεσθαι μέλλων, καὶ ὡς εἶδεν ἀντιφρίζαντα, φεύγων. Ἔστι δὲ πρὸς τὰς πληγὰς εἰς μὲν τὰ κοῖλα ἀσθενής, κατὰ δὲ τὸ ἄλλο σῶμα δέχεται πολλάς καὶ κεφαλὴν ἔχει ἰσχυράν.
(Arist. HA 629 b 33- 639 a8).

A informação que Aristóteles nos traz não só ilustra o símile homérico anterior, como também demonstra que o encontro entre javalis e leões eram decididos por acaso, já que os dois animais são comumente representados na *Ilíada* como animais ferozes. Assim, uma passagem pode ser lida de forma interessante, quando dois grandes heróis são postos frente a frente, no canto VII, Heitor e Ajax:

Ambos, concomitantes, retirando as longas lanças com as mãos
De súbito, se encontram parecendo leões apreciadores de carne
Ou selvagens javalis, cuja força é inesgotável.

τὸ δ' ἐκσπασσαμένω δολίχ' ἔγχεα χερσὶν ἄμ' ἄμφο
σύν ῥ' ἔπεσον λείουσιν εὐκότες ὠμοφάγοισιν
ἢ συσὶ κάπροισιν, τῶν τε σθένος οὐκ ἀλαπαδνόν.
(Il., VII 255-257.)

Através desse símile, a passagem demonstra como forças equânimes os dois heróis representados aí pela força descomunal do javali e pelo apreciador de carne crua, o leão.

O choque entre os heróis, no resto da passagem, não terminaria, já que, chegada a noite, o combate foi interrompido pelos arautos.

O leão em outros símiles, quando confrontado por caçadores e cães, manifesta cautela em seus ataques. Aristóteles descreve o comportamento do leão face a essa adversidade:

Nas caçadas, sendo observado, jamais foge ou se apavora, mas se por uma multidão de caçadores é forçado a se afastar, retira-se passo a passo e com a face voltada ao inimigo, girando-se de pouco em pouco; se ele se encontra entre arbustos, foge rapidamente, até chegar em uma clareira, momento em que de novo se afasta passo a passo. Em campo aberto, quando é forçado a fugir para uma clareira por uma multidão, corre com passos rápidos e não pula. Sua corrida é contínua e extensa como a do cão.

Ἐν δὲ ταῖς θήραις ὀρώμενος μὲν οὐδέποτε φεύγει οὐδὲ πτήσσει, ἀλλ' ἐὰν καὶ διὰ πλῆθος ἀναγκασθῆ τῶν θηρευόντων ὑπαγαγεῖν βάδην ὑποχωρεῖ καὶ κατὰ σκέλος, κατὰ βραχὺ ἐπιστροφόμενος· ἐὰν μέντοι ἐπιλάβηται δασέος, φεύγει ταχέως, ἕως ἂν καταστῆ εἰς φανερόν· τότε δὲ πάλιν ὑπάγει βάδην. Ἐν δὲ τοῖς ψιλοῖς ἐὰν ποτ' ἀναγκασθῆ εἰς φανερόν διὰ τὸ πλῆθος φεύγειν, τρέχει κατατεινάς καὶ οὐ πηδᾷ. Τὸ δὲ δρόμημα συνεχῶς ὡσπερ κυνός ἐστὶ κατατεταμένον· (Arist. HA 629 b 12-20).

Ainda que muito forte a simbologia do leão na *Íliada* como o animal mais intrépido dos que se encontram na obra, é interessante também notar que em alguns símiles de fuga o próprio leão, o símbolo da coragem, é usado para representar a fuga de alguns heróis. No canto XI, *Ájax* recua da seguinte maneira:

Zeus pai, de seu trono, introduziu o medo em *Ájax*;
E atônito, ele estacou; aos ombros laçou o escudo de sete camadas,
E, depois de ver uma multidão, fugiu semelhante a uma fera,
Que se volta continuamente para trás, alternando em breves passadas.
Tal quando sobre um feroz leão do curral
Dos bois afugentam cães e pastores,
E eles o impedem de arrebatá-lo o melhor dos bois
Vigilantes por toda noite, mas ele, desejoso de carne,
Avança com zelo, mas nada encontra, pois, dardos
Numerosos voam de corajosas mãos em sua direção
E tochas acesas, que teme, ainda que sedento,
E ao amanhecer retira-se com ânimo aflito;
Assim, *Ájax* dos Troianos, com o coração inquieto,
Afasta-se muito contrariado; pois temia pelas naus dos Aqueus.

Ζεὺς δὲ πατὴρ Αἴανθ' ὑψίζυγος ἐν φόβον ὤρσε·
στῆ δὲ ταφών, ὅπιθεν δὲ σάκος βάλεν ἑπταβόειον,
τρέσσε δὲ παπτήνας ἐφ' ὀμίλου θηρὶ εὐκῶς
ἐντροπαλιζόμενος ὀλίγον γόνυ γουνὸς ἀμείβων.
ὥς δ' αἴθωνα λέοντα βοῶν ἀπὸ μεσσαύλοιο
ἐσσεύαντο κύνες τε καὶ ἀνέρες ἀγροιδῶται,
οἳ τέ μιν οὐκ εἰδῶσι βοῶν ἐκ πίᾱρ ἐλέσθαι
πάννυχοι ἐγρήσσοντες· ὁ δὲ κρειῶν ἐρατίζων
ἰθύει, ἀλλ' οὐ τι πρήσσει· θαμέες γὰρ ἄκοντες
ἀντίον αἴσσουσι θρασειάων ἀπὸ χειρῶν
καίόμεναί τε δεταί, τὰς τε τρεῖ ἐσσύμενός περ·
ἠῶθεν δ' ἀπὸ νόσφιν ἔβη τετιηότι θυμῷ·
ὥς Αἴας τότε ἀπὸ Τρώων τετιημένος ἦτορ
ἦ' ἔπε πόλλ' ἀέκων· περὶ γὰρ δῖε νηυσὶν Ἀχαιῶν.
(Il., XI 544-557.)

Diferente dos outros símiles, esse, mais longo, não só caracteriza o recuo do herói em termos de movimentação e comportamento, mas também em termos de índices psicológicos que abundam no símile. O leão aqui ainda é visto como um animal corajoso, feroz, sedento por carne, em suma, em sua simbologia completa. Entretanto, como a situação é de fuga e cálculo, o comportamento animal descrito por Aristóteles representa bem a maneira como Ajax se encontra tanto em termos psicológicos quanto em situação. Ajax recua, foge, mas sem a pressa dos covardes, sua fuga é bem descrita pelo comportamento do leão que recua lentamente sempre se voltando para trás. Ademais, o número de inimigos na liça e os dardos em sua direção o forçam ao recuo.

Quanto ao plano psicológico, Ajax que em sua caracterização é visto sempre como voluntarioso e corajoso, torna-se temeroso por uma intervenção divina. E o conflito gerado por essas disposições psicológicas, é bem expresso pelo comportamento calculado do recuo do leão. Neste afastamento, tanto o herói quanto o leão estão com ânimo aflito e inquieto, e por último Ajax deixa o campo de modo involuntário.

A caracterização neste símile é completa. Ela cobre tanto a perspectiva de um desenvolvimento da ação quanto o conflito psicológico que ocorre com o herói. Não se trata aqui de um símile curto, em que teríamos de projetar o comportamento animal para a compreensão da passagem, mas de um símile longo em que o desenvolvimento do comportamento animal é tão magistralmente descrito que podemos considerá-lo, sem exageros, como o próprio início de toda ciência empírica encontrada, quase quatro séculos depois, em Aristóteles.

3. Conclusão

O uso do símile em Homero é extremamente complexo. Além dos símiles naturais produzidos com as potências da natureza, há também os símiles animais que se tornam muito impactantes, sobretudo porque revelam não só facetas de movimentação, mas também de caráter que o animal comporta. O mundo natural é usado por Homero com maestria a ponto de produzir situações nos combates em que grande parte do que é descrito, já é bem conhecido pela audiência em contato com o mundo natural circundante. Hoje talvez, para reconhecer a força de seus símiles, nos seja preciso talvez, além do conhecimento do mundo arcaico grego, um bom entendimento sobre a vida natural, sem o qual a complexidade das cenas na *Ilíada* parecerá meramente fantasiosas.

REFERÊNCIAS

ARISTOTLE. **Historia Animalium**. Transl. by D'Arcy Wentworth Thompson. Oxford: Clarendon Press, 1910.

_____. **Historia Animalium**: Volume 1, Books I-X: Text. D. M. Balme & Allan Gotthelf (eds.). Cambridge University Press, 2002.

BOGDSON. L. **L'animale nella morale coletiva e individuale dela antichità greco-romana**. In: *Filosofi e Animali nel Mondo Antico*. Genova: Edizioni ETS, 1994.

CLARKE, M. **Entre homens e leões: Imagens do herói na *Iliáda*** (traduzido do inglês por Leonardo Teixeira de Oliveira, 2006). *Greek, Roman and Byzantine Studies*, Carolina do Norte, n. 36, p. 137-159, 1995.

COFFEY, M. **The Function of the Homeric Simile**. *The American Journal of Philology*, Vol. 78, No. 2 (1957), pp. 113-132.

HOMERO. ***Iliade***. Texte établi et traduit par Paul Mazon. Tome I, II, III et IV. Septieme Tirage. Paris: Les Belles Lettres, 1972.

MOULTON, C. **Similes in the *Iliad***. *Hermes*, 102. Bd., H. 3 (1974), pp. 381-397.

PARRY, A. (ed.), **The making of Homeric verse – The collected papers of Milman Parry**. Oxford: Oxford University Press, 1971.

PARRY, A. **Language and Characterization in Homer**. *Harvard Studies in Classical Philology*, Vol. 76 (1972), pp. 1-22.

WORTHER, Frédérique. **L'èthos aristotélicien: genèse d'une notion rethorique**. Paris: J. Vrin, 2007.